

AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COLETIVA DO SEM TERRA¹

The artistic manifestation and their implication in the forming of the collective identity of "Movimento Sem Terra"

Nadir Lara Junior²
Rosemeire Paschoal Lambiasi³

Resumo

O foco nesse estudo é a análise das manifestações artísticas no processo de formação da identidade coletiva dos Sem Terra. Estudar então a produção artística e cultural desse movimento, a partir da Psicologia Social, torna-se, portanto, relevante do ponto de vista acadêmico e social já que uma análise das atividades artísticas coletivas (orações, cantos, concursos ou apresentações de música ou poesia) dentro do movimento nos fornecerá dados consistentes de como acontece a produção simbólica. Acreditamos que essas manifestações contribuem para o fortalecimento da identidade coletiva. O método utilizado foi uma pesquisa bibliográfica e ilustrada com trechos de algumas entrevistas realizadas com alguns integrantes do movimento para um trabalho de Iniciação Científica cujo tema era "A mística como um conjunto de significações de uma identidade coletiva e política dos Sem Terra" (Lara Junior, 2002), nos quais os entrevistados relataram suas atividades e experiências dentro do movimento, o que nos ajudou a elucidar mais nosso tema.

Palavras-chave: Manifestação artística, identidade coletiva, Movimento Sem Terra, mística e cultura.

Abstract

The focus in this study is the artistic manifestations examination in the "Sem Terra" collective identity formation process. Study the artistic and cultural production of this movement, through the Social Psychology become, therefore, relevant from the academic and social point of view, as long as an examination of the collective artistic activities (orations, chants, contests or presentations of songs or poetries) inside the movement will provide us solid data of how the symbolical production occurs. We believe that these manifestations contribute to the fortification of the collective identity. The methodology used was a bibliographer and illustrated research with some interviews passages from some integrants to a Scientific Initiation paper, which theme was "The mystic as a collective of o combined and politics identity significations of the "Sem Terra"" (Lara Junior, 2002), in which the interviewed related their activities and experiences inside the movement, that helped us better elucidate our theme.

Keywords: Artistic manifestation, collective identity, "Sem Terra's" movement, mystic and culture.

¹ Esse é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Psicologia pela Universidade São Marcos – SP. Junho / 2003.

² Psicólogo e Mestrando em Psicologia Social pela PUC-SP.

³ Psicólogo pela Universidade São Marcos - SP.

Endereço para contato: Av: Onze de Junho, 694 casa 10. 04041-002. São Paulo - SP.

E-mail: nadirlj@hotmail.com ; roselambiasi@ig.com.br.

Introdução

Neste estudo, destacaremos as manifestações artísticas como elementos que contribuem para a formação da identidade coletiva Sem Terra. Num primeiro momento, enfocaremos a cultura política na análise dos movimentos sociais, pois entendemos que a cultura política é um espaço para estabelecimento dos conflitos e como um dos espaços privilegiados para o fornecimento de elementos para a formação da identidade coletiva de um grupo social.

Num segundo e terceiro momento, refletiremos sobre a relação das manifestações artísticas e a identidade coletiva. Entendemos em nossa análise que um dos elementos culturais fornecidos para análise da identidade coletiva do Sem Terra foram as manifestações artísticas em sua generalidade (poesia, dança, teatro, música etc.), pois mobilizam as pessoas a pensar e reelaborar suas experiências em torno de uma realidade emergente que é a luta ou estabelecimento de sua vida na terra. Essas pessoas respondem às mobilizações a partir de elementos estruturantes de sua identidade e de sua consciência política, criando, assim, uma interação dialética de forças mobilizatórias do movimento e de consciência de cada sujeito, o que irá delinear algumas práticas coletivas dos assentamentos e acampamentos, como, por exemplo, as manifestações artísticas, a mística etc.

Em seguida, apresentaremos a mística como palco para as manifestações artísticas, pois entendemos que as manifestações artísticas estão muito próximas à mística, são elementos que vão construindo esse processo de construção da identidade coletiva do Sem Terra, seja como um ponto sutura como sinaliza Hall (2000) no qual os vários elementos da realidade vão sendo agrupados e ressignificados pelo indivíduo, ou pela capacidade de se reconhecer um “Nós” diferente de um “Eles” que nos indicou Mouffe (1999).

A cultura política na análise dos Movimentos Sociais

No processo de entendimento dos movimentos sociais, a cultura política ganha um destaque importante por ser constituída a partir de um jogo de forças entre classes sociais. “É na cultura

que os grupos sociais carregam de significação simbólica as relações sociais” (Arantes, 1990, p.35). Por isso, a cultura torna-se o espaço dos conflitos no qual os grupos lutam para afirmar suas ideologias.

Iremos utilizar um conceito de cultura específico que chamaremos de cultura política assim definida por Gohn (1999, p. 5):

Valores que os indivíduos e grupos desenvolvem em relação a polis e à área pública de uma forma geral. Ela está presente nas estruturas mentais e nos comportamentos dos indivíduos e grupos sociais. A cultura política expressa as representações e o imaginário simbólico-cultural incorporado pelos indivíduos ao longo da trajetória de suas experiências individuais e coletivas.

A cultura política serve, então, para entender o comportamento político dos indivíduos nos grupos sociais a que pertencem. Fazemos referência aqui a um sujeito político participante de grupos sociais organizados cujas ações e atitudes estão pautadas por uma identidade coletiva.

Os indivíduos escolhem, optam, posicionam-se, recusam-se, resistem ou alavancam e impulsionam as ações sociais em que estão envolvidos segundo a cultura que herdaram do passado e a que produzem no presente. (Gohn, 1999, p.3).

Entendido cultura política como expressão das representações e do imaginário simbólico cultural, pensamos que os indivíduos têm condições de elaborar seus elementos simbólicos ao longo de sua existência, e assim como nos movimentos sociais esses sujeitos produzem novos símbolos e códigos que respondem a uma necessidade emergente. No caso do MST, a questão emergente se refere ao acesso à terra.

Entendemos que no espaço da cultura política é que emergem os conflitos, pois a cultura é dinâmica em sua produção simbólica, e a força das classes se mostra presente toda vez que se embate em busca do poder ou de controle dessas produções. Com a velocidade das mudanças na sociedade atual, a luta pelo poder não mais está restrita aos bens de produção, mas está na conquista dos sistemas complexos de informação, de símbolos e de relações sociais.

O funcionamento e a eficiência dos mecanismos propriamente econômicos e dos aparatos tecnológicos são confiados à gestão e ao controle do sistema no qual as dimensões culturais se tornam preponderantes no que se refere às variáveis 'técnicas'. Também o mercado não funciona simplesmente como lugar de circulação de mercadorias, mas sempre mais como sistema no qual se intercam-biam símbolos. (Melucci, 2001, p. 80).

Por isso que os movimentos sociais se colocam a disputar esse espaço cultural produzindo conflitos na esfera da cultura política, pois precisam assegurar sua identidade como movimento, pois quanto maior for a complexidade das sociedades, mais essa exige das pessoas, identidades que os identifiquem em suas esferas de disputas e conflitos.

É importante destacar que o conflito é importante para que as regras da disputa democráticas sejam estabelecidas sem que o movimento perca seus referenciais de luta, pois se o conflito perder suas raízes sociais e sua conotação de antagonismo, se torna violento e marginal, e sua forma de expressão no espaço político passa ser a violência.

Um movimento antagonista 'puro', que não consiga uma base instrumental e não tenha alguma relação com os mecanismos de representação e de decisão, tende a fragmentar-se e a dividir-se ao longo das dimensões que definem sua ação. Conflito e ruptura dos limites de compatibilidade se separam. O conflito perde a sua raiz social e as suas conotações de antagonismo, e se transforma em busca simbólica de inovação, que toma facilmente a forma de uma contracultura evasiva e marginal, sem alguma incidência sobre os mecanismos cruciais do sistema. A ação de ruptura perde as suas referências conflituais (adversários e aposta em jogo) e torna-se a repetição desesperada de uma rejeição, que se esgota em si mesma, que encontra na marginalidade violenta a única forma de expressão (Melucci, 2001, p. 42).

Desta maneira, o movimento, perdendo o referencial conflitual e colocando-se na marginalidade das regras políticas, parte para a violência como forma de resolver suas questões. Por isso, se faz necessário que haja espaços de discussão

política e que o jogo das disputas democráticas sejam estabelecidas por regras que orientem a conduta dos grupos.

Nesse jogo das disputas democráticas, as elites procuram se apropriar dos meios que divulgam os referenciais simbólicos para o coletivo, que é o caso da mídia, da arte etc.; gerando assim um conflito. As conseqüências desse conflito para os movimentos sociais são de uma desarticulação dos valores que estavam atrelados à identidade de um grupo, pois muitas vezes são manipulados por esses meios. A resposta dos movimentos, muitas vezes, é tentar estabelecer uma contracultura que se oponha às elites.

O MST luta por preservar suas manifestações artísticas distantes da estratégia das elites de comercializá-las, pois visam ao lucro e também ao enfraquecimento de qualquer movimento que possa representar alguma ameaça à ordem pública. Isso faz com que o movimento se posicione como um grupo de resistência, contra a dominação da elite, e que se coloca numa luta de valorização das manifestações artísticas que surgem dentro do movimento, promovendo festivais, concursos etc. (Fernandes, 1999).

Podemos considerar a cultura política como espaço das disputas ideológicas, pois a apropriação desses valores por uma das partes certamente define os pontos de estruturação da identidade de um grupo. Nesse jogo de forças, muitos elementos ideológicos e afetivos são mobilizados pelas manifestações artísticas, tornando-se o ponto estratégico de disputa entre as forças antagonicas.

Nesse espaço de conflitos e de disputas, valorizar os paradigmas de estruturação das manifestações artísticas garante aos movimentos sociais a possibilidade de construir uma identidade coletiva que manifeste as reivindicações e anseios do movimento. Perder o espaço cultural é perder certamente um lugar estratégico nessa relação conflitual.

Percebamos que nas sociedades ditas complexas, as contradições aparecem e os movimentos sociais surgem para denunciar essas contradições, pois o mecanismo do Estado já não mais consegue prover o equilíbrio nas disputas. Por isso, sabemos que a forma das pessoas se articularem e buscarem seus direitos nessa sociedade complexa passa justamente pela possibilidade de denunciar os direitos negados ou esquecidos pelo Estado ou pela própria sociedade (Melucci, 2001).

É no bojo dos conflitos que a identidade coletiva vai se constituindo, pois vai atrelando a si vários elementos constitutivos da realidade dos Sem Terra, isso faz com que os membros do movimento lutem por seus direitos negados ao longo da história. Nesse sentido, o sentimento de pertença ao movimento possibilita ao Sem Terra ter uma certa consciência da história de que ele se encontra no movimento, porque a terra lhe foi tirada ou negada ao longo da história por políticas do Estado que privilegiaram os latifúndios.

O que destacamos nessa dimensão do conflito histórico-cultural é que a negação dos direitos dos trabalhadores faz parte da cultura política brasileira. Assim sendo, o MST questiona a lógica desse processo que se instalou e denuncia as injustiças no campo mediante os meios de comunicação social, passeatas, caminhadas, romarias, ocupações etc. e também pela academia que mostra trabalhos com dados e estatísticas que comprovam tal argumento (Harnecker, 2000; Fernandes, 1999; Gohn, 1999).

Como o movimento faz parte da história e as manifestações artísticas fazem parte de um processo sócio-histórico-cultural, vale lembrar que os elementos que podem ajudar no processo de formação da identidade coletiva estão atrelados à cultura que varia a cada momento da história.

As manifestações artísticas conseguem articular, no presente, momentos vividos no passado, abrindo a possibilidade de visualizar um futuro de acordo com seus objetivos (utopia). Por isso, dizemos que o processo histórico não pára, está sempre em movimento conjugando vários elementos da cultura no trânsito entre passado - presente - futuro.

Na perspectiva de Castells (2001), pertencemos a uma sociedade que se estrutura em rede e que só podemos chamar de sociedade porque justamente é tecida e articulada por vários fatores produzidos pelo humano. É nesse ponto que apontamos para a possibilidade das pessoas serem agentes ativos, pois são os seres humanos que criam essa grande teia de relações, que a cada dia se torna mais complexa a ponto de se tornar um emaranhado que intriga e aguça o desejo de resgatar a possibilidade de um existir mais coerente e profícuo, no respeito e na possibilidade de uma sociedade que suporte o convívio com as diferenças (Melucci, 2001).

Manifestações artísticas e identidade coletiva

Vale lembrar que desde a origem do MST a presença da música e da poesia foi muito presente na história do movimento. Essas músicas se originaram das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) mais especificamente da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Nesse sentido, vale lembrar as palavras de Neiva, uma das primeiras integrantes do MST, que retrata o início do movimento com a presença dos cantos e da bíblia ajudando na significação da luta nos primeiros acampamentos.

Eu ainda não estava acampada, mas já começamos a misturar esta coisa cristã e religiosa com mais outros métodos de mística, como, por exemplo, começamos a trabalhar o momento místico com canto, na verdade com cantos de luta, pois no início eram mais cantos religiosos, aí fomos misturando os cantos com cantos de luta, de companheiros que escreviam e que falava da luta, e continuamos carregando a cruz e todos os outros símbolos centrais também.

Nessa fala, assinalamos a importância dos cantos para que a coragem surgisse para enfrentar as dificuldades dadas pela condição de ser "sem-terra". Nesse depoimento, os cantos se diluem no cotidiano da mística, pois essa faz parte da vida dos assentados e acampados. Desde o início das primeiras movimentações e reuniões do movimento, os cantos e a poesia foram se tornando algo constituinte da identidade Sem Terra. A força simbólica que esses aspectos da manifestação artística carregam é pouco valorizada pelos estudiosos e pensadores do movimento que apenas vinculam a poesia e o canto a um evento. Por exemplo, Bernardo Mançano Fernandes que é um dos estudiosos do MST, atribui um valor menor a criação dos hinos à Bandeira e o hino do MST. Para ele, os hinos são só uma decorrência secundária de um fato, nesse caso a bandeira (Fernandes, 1999).

O que pudemos constatar é que as manifestações artísticas não foram reconhecidas como uma força política e revolucionária ao longo da história, apesar de estarem sempre presentes na história do movimento. Poderíamos supor que a arte tem um legado inferior na escala da formação do militante e até mesmo na concepção dos próprios estudiosos?

Na tentativa de refletir sobre a força da arte na estruturação da identidade coletiva, em especial a música, Maheirie (2002) nos coloca a música como um elemento artístico-cultural que aglutina pessoas em torno de um objetivo e provoca sensações capazes de fazer o sujeito se emocionar ou odiar alguma situação ou pessoa. A música para a autora ajuda no processo das identidades específicas, pois as músicas fazem os sujeitos perceberem através das letras com quem devem se antagonizar ou com quem devem se reunir, pois compartilham sentimentos comuns.

A esse respeito, a autora sinaliza a música como um elemento revolucionário e faz a seguinte afirmação dialogando com Simon Frith:

estar apontando discussões interessantes sobre as mudanças das estruturas sociais. Através dela, nossas insatisfações ganham a cumplicidade de artistas, de outros fãs e, ela, pode passar a ser um fenômeno perturbador da ordem vigente. Mas, este “Ao localizar os sujeitos num cenário cultural e político, a música também pode efeito revolucionário que a música popular pode ter, só é possível porque é uma fonte de emoções fortes, que exercem um impacto sobre as pessoas e, na medida em que forem coletivamente compartilhadas, podem ir contra aquilo que lhes é imposto” (Maheirie, 2002, p. 43).

Interessante notar que essa afirmação de Maheirie vem ao encontro daquela fala de Neiva no início do movimento, mencionando que os integrantes do movimento resgatavam na música suas emoções e a força para enfrentar a presença do exército no local (Fernandes, 1999).

Um outro aspecto a destacar é que a música no caso do MST é algo encorajador e que provoca atitudes concretas para o enfrentamento das dificuldades do cotidiano. Vejamos a história de Dona Maria, uma das assentadas da agrovila de Campinas, que narra uma ocupação num banco que não liberava a verba para o plantio.

A gente ouve falar que o governo está assentando mil e tantas pessoas. É mentira! Aí, no banco chegou um representante do INCRA de Paranapanema, falando bonito, e eu era da comissão organizadora. Aí o representante começou falar que o INCRA dava terra, que

o governo dava dinheiro e para todos trabalhar. Aí eu não agüentei! Dá-me aqui esse microfone. Aí eu falei:

- Gente, vocês estão todos assentados? E somos todos vagabundos, irresponsáveis? Eu queria perguntar para vocês companheiros: Quantas vezes o governo foi na casa de vocês? Tem algum aí que já recebeu terra do governo? - Ninguém! É tudo mentira desse sem vergonha! Alguns de vocês já receberam dinheiro do governo na conta de vocês? - Não! Ao invés disso somos humilhados - é criança, é mulher, é homem se humilhando na porta do banco. Chamam nós de vagabundos, sem estarmos devendo dois mil reais, mil reais. Estamos aqui pra recebermos uma mixaria para trabalhar na lavoura e mandam uma pessoa nos chutar. Isso tudo é mentira, é mentira, isso aí é passar humilhação demais. Todo mundo bateu palma pra mim e eu disse:

- E para acabar de interar o resto, eu vou cantar, eu vou cantar uma música para vocês que eu fiz, pra todos vocês meus companheiros que estão na batalha na terra de vocês. Vocês (do INCRA) vão ser obrigados a assinar um projeto pra nós na porta do banco. Aí eu cantei: Ah! Para que!

Entrevistador. Canta aí a música...

Eu escrevi essa música gravei essa e está aí até hoje. Agora eu sou convidada para ir ao outro encontro em dezembro.

Entrevistador. E como é?

Ah! Meu Deus do céu...(risos) Ela fala assim:

- De outubro pra novembro na primeira chuarada/ Luta todo o assentamento, e o banco vem ocupar/ Pra ver se traz o dinheiro, pra nossa luta passar/ O Brasil não agüenta mais com tanta corrupção/ Criança passando fome desespero e aflição.

Quando nós estávamos lá na porta do banco com a comissão. Ai, gente do céu, eu fiquei com um medo tão grande de ser presa. Eu conversando com uma pessoa e ela me dizia:

- Uma mulher falou tanta coisa para uns caras do INCRA, que os caras não tiveram a coragem de falar nada, e ainda ela cantou uma música. Ai, gente será que era você? (risos) E ela não me reconheceu. Mas outras pessoas diziam: - Olha a cantora aí.

Percebamos a força que brota das pessoas e que ganha contorno na música, na arte. Interessante destacar que Dona Maria diz que ela ficou conhecida como “aquela que canta e fala sem

temor para seus opressores”. Os integrantes do movimento que estavam a seu lado sentiram-se pertencentes a um grupo que naquele momento cantava seu sofrimento e causas de sua luta, e todos se entendiam, seja pela evocação dos sentimentos, ou pela própria racionalidade de articular argumentos que defendessem suas causas.

Um outro elemento a se destacar é que a manifestação artística é algo espontâneo no cotidiano dos Sem Terra. Esse argumento está claro na fala de Dona Maria e se completa no momento em que o movimento se reúne em Piracicaba no *Campus* da Universidade Metodista em 1987, para o 3º Encontro Nacional que foi o momento em que se definiram as formas que tomaria a bandeira. É interessante notar nessa história que os participantes do Encontro não tinham a pretensão de criar um poema para a bandeira e este surgiu pela manifestação espontânea dos participantes:

O Hamilton Pereira estava no Encontro Nacional de Piracicaba, em 1987, como um dos convidados para a palestra sobre conjuntura agrária. Fomos atrás dele e falamos: ‘Aprovamos a bandeira. E no final do encontro faremos o seu lançamento. Queremos que tu faças uma mensagem sobre o significado dela para o movimento’. Em vez de fazer uma homenagem, como tínhamos pensado, ele teve a iniciativa de fazer uma poesia (Fernandes & Stedile, 2001, p. 133).

Vale salientar que juntamente com as manifestações artísticas os símbolos foram sendo sempre colocados como referenciais da caminhada, como algo que vinha da experiência religiosa e que aos poucos ia sendo ressignificado como um elemento forte da luta pela terra. E a mística foi sendo o palco, por assim dizer, dessas manifestações e criações do universo simbólico dos integrantes do movimento. Alguns símbolos passaram por um processo de aquisição de sentidos no movimento e hoje possuem uma força muito grande de aglutinar e motivar o Sem Terra certamente fazendo parte de sua identidade.

A bandeira, o hino, as palavras de ordem, as ferramentas de trabalho, os frutos do trabalho no campo etc. Eles aparecem, também, de muitas formas: no uso do boné, nas faixas, ns músicas etc. as músicas são um símbolo muito importante. O próprio Jornal do

Sem Terra, para o MST, já é mais do que um meio de comunicação. É um símbolo. O militante se identifica, tem afinidade, gosta dele (Fernandes & Stedile, 2001, p.132).

As manifestações artísticas no processo de formação da identidade coletiva

Nos movimentos sociais muitas pessoas disponibilizam tempo pessoal e esforços para estarem envolvidas nas causas de interesses comuns, seja a luta pela casa, pela terra, saúde etc... Esse contexto de participação assídua nas lutas do movimento é chamado de militância, e tem como uma de suas motivações o enfrentamento das oligarquias e de uma aristocracia que exclui a grande maioria da população.

A militância no MST está ligada à religião por uma forte influência da Igreja Católica. Isso não descarta em momento algum os vínculos políticos e sociais trazidos pela Teologia da Libertação, que enfoca uma leitura da Bíblia de forma mais politizada.

“A Teologia da Libertação também fez a releitura do marxismo, numa perspectiva mais humana e pluralista” (Sherer-Warren & Rossiaud; 2000, p. 18). Portanto, associadas com a concepção religiosa, vêm as ideologias marxistas, influenciando as práticas cotidianas dos assentados e acampados.

Por isso que hoje em dia não é difícil associarmos o MST a uma bandeira vermelha, símbolo da resistência e da luta pela terra, ou recordarmos as longas marchas até Brasília, como os mártires da terra etc. Esses símbolos, por exemplo, se originaram das bandeiras das procissões que manifestam a fé do povo aos santos protetores, das romarias que são caminhadas até lugares tidos como sagrados para se alcançar uma graça, assim como também dos mártires, protótipos do cristianismo, dos quais se faz memória conhecer os exemplos de resistência e luta até a morte por uma causa, neste caso a fé.

Percebemos com frequência na mídia a influência e o impacto do MST no cenário político nacional com as várias ocupações, caminhadas, romarias etc. Isso tudo mostra de modo tácito uma certa organização e articulação do Movimento em relação à busca de seus objetivos como, por exem-

plo, a conquista da terra e questionamento da conjuntura do governo.

Certamente toda essa luta do Movimento pela terra e oposição ao governo, que foi construindo aos poucos uma ala de oposição no país, tem grande relevância, pois depois dos movimentos sindicais da década de 80, o Brasil não conseguia um movimento que questionasse tanto a sociedade e o governo.

Apesar da situação crítica que a esquerda vive hoje no mundo, o MST conseguiu tornar-se um movimento social com grande força emocional e fé na vitória, contagiando com sua alegria e confiança no futuro os que se aproximam dele. Mas isto não ocorre espontaneamente. É algo que tem a ver com a segurança com que se propõe o socialismo como alternativa para a atual ordem neoliberal capitalista, com a férrea decisão de lutar contra as injustiças, com a confiança na capacidade solidária do homem. Além disso, é algo que o MST cultiva em todas as atividades coletivas que realiza – no que denomina mística. Nela o canto e o teatro desempenham um importante papel junto com os símbolos do Movimento: sua bandeira e seu hino. São formas de manifestação de um sentimento coletivo que une, identifica e fortalece o espírito de resistência e luta. (Harnecker, 2000, p. 55-56).

Salientamos essa idéia de “sentimento que une”, pois percebemos claramente a presença das manifestações artísticas como o canto e o teatro fazendo parte do cotidiano das atividades do movimento e construindo o processo de formação identitária dos Sem Terra.

Articular esse elemento artístico e cultural no movimento serve para dar sentido à identidade. E esses elementos dentro do movimento ganham uma importância muito grande, principalmente no que tange à forma com que o MST consegue realizar essa articulação de visualizar seu “outro antagônico” (por exemplo, pelo teatro, filme etc...) e também se constituir a partir deste.

Vale salientar que as manifestações artísticas estão intimamente ligadas à questão cultural do movimento. Por manifestações artísticas entendemos o processo de conjugação e apropriação dos significados da produção simbólica do cotidiano dos membros do movimento como teatro, dança, poesia, música, pintura etc.

A produção simbólica se pauta na cultura e Luckács (1999) afirma que quem se apropria da cultura e da arte para a divulgação de suas ideologias, vai exercendo uma certa força de dominação. Dessa maneira, a arte e cultura se tornam veículos de rápida divulgação das ideologias e quem tiver o controle dessa produção cultural poderá assegurar uma certa hegemonia de um grupo sobre os demais ou apenas servir como fator de resistência de uma identidade coletiva.

Aos poucos o MST está percebendo a eficácia da arte para a divulgação das ideologias para assegurar sua identidade coletiva, por isso começa um processo de apropriação desses elementos, que ainda se encontram dispersos em experiências do cotidiano dos assentamentos e acampamentos. Nesse sentido, Fernandes & Stedile (2001) afirmam que mesmo nos primórdios do movimento a poesia e a dança estavam presentes nas práticas coletivas do movimento, certamente com o vínculo religioso trazido da CPT (Comissão Pastoral da Terra).

Na prática cotidiana, o MST começa a articular as manifestações artísticas (teatro, dança, canto, poesia etc.) com a mística, pois vai percebendo que os cantos encorajam os seus integrantes a lutar e que também ajudam a dar um contorno mais eficaz às práticas coletivas

Ela (a mística) vai criando essa força interior do grupo como tal. Vai fazendo com que o grupo todo tenha força para reagir frente a toda repressão e até interessante observar que todos os acampados que não entram nessa prática ou que não seguem essa prática, ou não participam muito, ou não se entrosam e, portanto vão ficando fora da mística, não vivem essa mística, ou muito pouco dessa mística. São os primeiros a recuar, a não ter mais clareza, não ter firmeza na luta e muitos deles desistem no acampamento exatamente pela única razão na minha avaliação pela falta da mística de vida com intensidade (Arnildo - Encruzilhada Natalino -RS).

Essa relação - manifestação artística e mística - acaba ganhando um sentido de rito que cumpre sua função de mobilizar o imaginário e os sentimentos das pessoas em função do objetivo proposto pelo movimento. Salientamos que a arte consegue mobilizar o imaginário e os sentimentos que apresentada na mística ganha uma força de

coesão capaz de reunir as pessoas em torno de objetivos como a terra, por exemplo.

Pela arte, as ideologias são mais aceitas e mais entendidas por todos de maneira eficaz. Vemos que, no movimento, as manifestações artísticas surgem espontaneamente nos acampamentos e assentamentos, pois, muitas vezes, não conseguem nomear o processo de surgimento e divulgação. Vejamos esse exemplo sobre a gravação de um CD com as músicas de luta pela reforma agrária:

Fazia uns dois anos que tínhamos aprovado a idéia na Direção e, nesse período, ela vinha sendo discutida internamente. Como ainda não estava madura, surgiu um coletivo de músicos do MST - o que não estava previsto - e, quando fomos ver, o CD já estava gravado. Se tu perguntares como surgiu esse CD, duvido que alguém te explique. (Fernandes & Stedile, 2001, p. 150).

Nessa perspectiva da construção de uma identidade coletiva, considerando aspectos culturais, percebemos que uma das estratégias do movimento é garantir que seus integrantes sejam mobilizados a lutar pelas causas do movimento. Constroem símbolos que são significados, que estruturam o movimento. No caso do MST, vários símbolos foram criados como a bandeira, o boné etc. (Fernandes & Stedile, 2001, Fernandes, 1999, 1998).

No processo de construção da identidade coletiva, cabe ao indivíduo conjugar todos esses elementos que se apresentam e dar um significado de pertença a um movimento social. Esse processo de conjugar esses vários elementos culturais e formar uma identidade se torna fonte de significados para sua vida e existência. "Identidades, por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação" (Castells, 2001, p. 23).

Ao nos referirmos a esse processo de estruturação da identidade, não submetemos o sujeito a uma ação irrestrita das mobilizações feitas pelo movimento, mas apontamos para a política de identidade que reconhece um certo nível de consciência política dos Sem Terra que possibilita um processo de individuação com vários elementos da realidade que são mobilizados, por isso cabe a cada sujeito fazer seu processo de estruturação da identidade.

Dessa maneira, o sujeito não está passivo no processo de estruturação da identidade coletiva, pois é justamente a identidade coletiva que ajuda o Sem Terra no cotidiano dos assentamentos e acampamentos a criar seus constructos de auto-afirmação da própria identidade e de resistência à cultura dominante imposta pelas elites antagônicas.

A mística como palco para as manifestações artísticas

Trouxemos, a propósito, essa discussão porque veremos que a mística é um espaço no qual as manifestações artísticas ganham sua força máxima de expressão e convencimento, pois mobilizam sentimentos e anseios coletivos que ajudam no processo de constituição identitária.

A mística para o MST é um conjunto de rituais que vai fortalecendo alguns valores e objetivos que reúnem as pessoas em torno de uma proposta. A mística acontece em vários locais, seja acampamento, assentamento, encontros, congressos etc.

A mística só tem sentido se faz parte da tua vida. Não poderíamos ter momentos exclusivos para ela, como os Congressos, Encontros Nacionais ou Estaduais. Temos de praticá-la em todos os eventos que aglutinem pessoas, já que é uma forma de manifestação coletiva de um sentimento. Queremos que esse sentimento aflore em direção a um ideal, não que seja apenas uma obrigação (Fernandes & Stedile, 2001, p. 130).

Para que esses sentimentos aflorem em direção a um ideal, os momentos de mística são constituídos por muitos elementos de cunho religioso, político, social, econômico etc. E para representarem todos esses anseios, a mística utiliza as manifestações artísticas como o teatro, a dança, a música, a poesia etc. para revelar e dar contorno à criação simbólica do movimento.

A mística também evoca a materialização (geralmente simbólica) deste sentimento (paixão) na beleza da ambientação dos encontros, nas celebrações, na animação proporcionada pelo canto, pela poesia, pela dança, pelas encenações de vivências que devem ser perpetua-

das na memória, pelos gestos forte, pelas homenagens solenes que se presta a combatentes do povo. Lembra os símbolos do movimento, seus instrumentos de trabalho e de resistência, seus gritos de ordem, sua agitação, sua arte (Caldart, 2000, p. 134).

É interessante notar que a mística vai provocando sentimentos vários, desde um “frio na alma” (Caldart, 2000) até aquele sentimento de coragem para ocupar um latifúndio cercado de pessoas armadas. Muitos integrantes deram a vida impulsionados por uma coragem sem igual.

Ainda dentro dessa perspectiva da mobilização de sentimentos, não podemos esquecer que essa mobilização não pára somente no sentimentalismo ou na alienação da realidade, no entanto, a mística serve para apontar quem é a oposição em relação ao movimento, quem é o outro, para o qual devem se antagonizar. Na medida em que se começa a reconhecer o “adversário”, instaura-se a nítida divisão de um “Nós” e de um “Eles”. Esse tipo de discussão acontece no campo do Político, pois os conflitos ideológicos se constituem nesse espaço. A mística consegue fazer essa relação do movimento com o Político na medida em que demonstra com suas manifestações artísticas a cara de seus oponentes.

la vida política nunca podrá prescindir del antagonismo, pues atañe a la acción pública y la formación de identidades colectivas. Tiene a construir un ‘nosotros’ es menester distinguirlo de un ‘ellos’. Por eso la cuestión decisiva de una política democrática no reside en llegar a un consenso sin exclusión - lo que nos devolvería a la creación de un ‘nosotros’ que no tuviera un ‘ellos’ como correlato - sino en llegar a establecer la discriminación nosotros/ellos de tal modo que resulte compatible con el pluralismo (Mouffe, 1999, p. 16).

Percebamos que a mística vai ocupando um papel importante na constituição da identidade coletiva do Sem Terra, pois, além de mobilizar sentimentos de pertença a um determinado grupo - MST - vai estabelecendo uma correlação democrática de visualizar que são os adversários e dessa maneira vão se constituindo a partir de um reconhecimento de um “Nós” em oposição a um “Eles”. Pelo fato de se antagonizarem, os Sem Terra precisam reconhecer quem é esse “Nós” ou quem

são “Eles”. Quais as diferenças do Sem Terra para o latifundiário, por exemplo.

Com respeito a esse aspecto, é interessante notar que quando os Sem Terra contam suas origens, começam relatando o fato histórico da Encruzilhada Natalino, Ronda Alta - RS, e a figura do “Coronel Curió” que na época era chefe de Polícia, escalado pelo Presidente Figueiredo, para expulsar os acampados na beira do asfalto. O Coronel Curió é sempre lembrado como o outro antagonico, participante da história e que ao se opor ao movimento ajudou a mobilizar as pessoas em torno ao objetivo de ocupação da terra.

O Coronel Curió. Já se falava muito que ele iria intervir, o que de fato aconteceu. No dia 25 de julho de 1981, Dia do Trabalhador Rural, realizamos uma grande concentração nacional, vieram pessoas do Brasil inteiro mostrar solidariedade à luta pela reforma agrária e ao mesmo tempo lutar contra a ditadura militar. A sociedade, portanto, ajudou a construir o MST, porque se ela não promovesse a defesa do acampamento da Encruzilhada Natalino a derrota política que iríamos sofrer teria adiado a construção do MST ou, então, ele teria nascido com outro sentido, com outro caráter (Fernandes & Stedile, 2001, p. 23).

No conjunto de forças mobilizatórias seja dos sentimentos de pertença, seja pelo estabelecimento de um conflito “Nós” e “Eles”, é que a mística vai se tornando um imã que vai atraindo para si todos os elementos (políticos, sociais, religiosos, econômicos e existenciais) que estão presentes no cotidiano do movimento e vai possibilitando ao sujeito elaborar em sua subjetividade sua identidade de pertença a um grupo. Poderíamos também usar a idéia de que a mística é um ponto de encontro, ponto de sutura no qual as articulações ocorrem. Para entendermos melhor esse processo de constituição da identidade e também sobre o que aqui chamamos de identidade, nos apoiamos na seguinte definição:

Utilizo o termo identidade para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas as que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que pro-

duzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode 'falar' (Hall, 2000, p. 111).

Dessa maneira, a mística se constitui como identidade à medida que se torna esse ponto de encontro, ponto de sutura fundamental no processo de formação identitária do Sem Terra, pois aí os elementos de cunho religioso, social, político, econômico e utópico com muitos significados fortalecem o desejo de tornar-se cada vez mais um "Sem Terra". E as manifestações artísticas vão favorecendo essas várias articulações ao longo do processo de formação da identidade.

Considerações finais

Neste estudo, fomos ao encontro não só de um movimento que luta cotidianamente por seus direitos e para tornar evidentes as injustiças cometidas no campo, como também nos arriscamos a pensar uma psicologia calcada em outros paradigmas que não os clínicos, o que significa que este trabalho se preocupou em buscar novos prismas para pensar essa ciência que acreditamos que deve estar mais comprometida com as questões sociais do Brasil.

Conseqüentemente, ao nos distanciar dos paradigmas clínicos, essa dupla teve um esforço para se desvencilhar de possíveis análises "psicologizantes" da realidade e nos lançar na interface da Psicologia com outras ciências, como, por exemplo, a sociologia, história, antropologia etc. Nesse percurso realizado, experimentamos as descobertas e as dificuldades de uma pesquisa, como também experimentamos a insegurança de transitar por um universo teórico que se preocupa com um sujeito construtor da realidade social, capaz de agir e interagir não tão presos a determinismos de cunho psicológico ou econômico.

Pensar a identidade coletiva de um grupo social é caminhar na perspectiva de que o sujeito está sempre construindo e desconstruindo seu pertencimento a um grupo e que os vários elementos que compõem a realidade são elaborados pela subjetividade de cada membro do movimento social.

Na medida em que a Psicologia se preocupa em estudar os movimentos sociais, abandona "as fortalezas" que, muitas vezes, se encerra e começa um diálogo com o ser humano em sua plena capacidade criativa e imaginativa que se concretiza na realidade, nas formas organizativas da sociedade.

Assim encerramos nosso estudo na perspectiva de pensar e refletir mais sobre essa temática da cultura e das manifestações artísticas no processo de construção da identidade coletiva. Ficamos também na perspectiva de poder contribuir com uma Psicologia capaz de melhorar ainda mais a vida das pessoas.

Referências

- Arantes, A. A. (1990). **O que é cultura Popular**. (coleção primeiros passos). São Paulo: Brasiliense.
- Caldart, R. S. (2000). **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Castells, M. (2001). **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. O poder da Identidade Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra.
- Fernandes, B. M. (1999). **MST formação e territorialização**. (2a ed.). São Paulo: Hucitec.
- Fernandes, B. M., & Stedile, J. P. (2001). **Brava gente. A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Gohn, M. G. (1999). **A formação do cidadão no MST: Cultura Política e "Frames" organizativos**. Caxambu: paper usado no XXIII Encontro Anual da ANPOCS.
- Hall, S. (2000). Quem precisa de identidade? In Silva, T. T. (org.) **"Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais"**. Petrópolis: Vozes.
- Harnecker, M. (2000). MST Construindo força social antineoliberal. **Cultura vozes**, (1).
- Lara Junior, N. (2002). A mística como um conjunto de significações de uma identidade coletiva e política do Sem Terra. **Relatório Final de Iniciação Científica**. São Paulo: Universidade São Marcos.

Lukács, G. (1999). O romance como uma epopéia burguesa. In Ensaio Ad Hominem. (1 tomo II - música e literatura). **Revista de filosofia / Política / Ciência da história**, Santo André: Ad Hominem,

Maheirie, K. (2002). Música Popular, estilo estético e identidade coletiva. **Revista de Psicologia Política**, 7(2).

Mellucci, A. (2001). **A invenção do Presente. Movimentos Sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes.

Mouffe, C. (1999). **El retorno del político comunidad, ciudadanía, pluralismo, democracia radical**. Barcelona: Paidós.

Scherer-Wharren, I., & Rossiaud, J. (2000). **A democratização inacabável. As memórias do futuro**. Petrópolis: Vozes.

Recebido em/ *received in*: 01/06/2005

Aprovado em/ *approved in*: 07/07/2005